Análise Psicológica (1988), 2 (VI): 235-244

Padrões de atenção na Esquizofrenia Paranóide

VICTOR CLÁUDIO (*)

Para melhor compreensão das alterações dos padrões de atenção na esquizofrenia, parece-nos importante começar por definir o conceito de atenção. Segundo o DSM III, atenção é a «capacidade de se concentrar de um modo fixo numa tarefa ou actividade». (1)

A capacidade de atenção pode ser alterada, devido a numerosos factores. Embora o que mais nos interesse, no âmbito deste trabalho sejam as alterações da atenção nos esquizofrénicos, pensamos ser relevante focar numa primeira abordagem, as alterações da atenção em geral.

Ainda segundo o DSM III, há dois tipos de atenção: um que se caracteriza por uma deficiente capacidade da atenção, acompanhada de hiperactividade; o outro, em que esta componente, hiperactividade, não estaria presente.

As manifestações da alteração da atenção seriam:

— Dificuldades em finalizar uma tarefa.
— Distracção na execução da tarefa.
— Dificuldade de concentração.

Para H. Ey (1978), a alteração seria resultante de dois fenómenos: a dispersão da atenção espontânea e a ineficácia da atenção voluntária. Para a alteração da atenção concorreriam, também, factores como alterações de concentração de pensamento e diferenciação perceptiva.

Depois desta referência, necessariamente breve, às alterações da atenção em geral debrucemo-nos sobre a forma específica destas alterações da esquizofrenia.

Vários trabalhos foram realizados com o objectivo de estudar a alteração da atenção nos esquizofrénicos. Referimos como exemplo, os de Medrick e Shakow (1940), que através da utilização dos Tempos de Reacção, mostraram que os esquizofrénicos manifestam uma incapacidade (provavelmente originada pela não utilização de mecanismos de atenção adequados) para manter uma série mental.

Os de Goldstein (1942), em que afirma a existência, nos esquizofrénicos, de uma dificuldade em deslocar voluntariamente a atenção de um para outro aspecto de uma mesma situação.

Outras teorias, sobre as que nos vamos deter mais em pormenor, já que são nucleares para o nosso trabalho, defendem que

(*) Assitente no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

(1) In DSM III. American Psychiatric Association, 1980.

as alterações da atenção na esquizofrenia é resultado de deficit no *input*.

Para se compreender estas teorias é importante fazer a distinção entre as duas fases da esquizofrenia, i.e. a fase aguda e a fase crónica.

Para Mednick (1958) a fase aguda da esquizofrenia seria resultado da utilização de defesas irrealistas tendentes a reduzir a ansiedade consequente da hipergeneralização de estímulos, que têm origem na hiperactividade característica desta fase. A fase crónica seria caracterizada pela perda da emocionalidade e, consequentemente, pela redução da hipergeneralização de estímulos.

Para Fish (1961) a fase inicial da esquizofrenia é resultante da hiperactividade do sistema recticular. Outra posição é defendida por Weckwicz (1958), que preconiza a existência de um aumento excessivo dos *inputs* sensoriais e hipergeneralização na fase aguda, e uma redução da consciência dos estímulos exteriores e afastamento, na fase crónica.

Onde estas teorias diferem, é na base explicativa para este tipo de fenómenos. Assim, por um lado, para Mednick e Fish, existe na fase aguda uma hiperactividade ou uma elevada actividade recticular, que se vai reduzindo com a evolução para a fase crónica, por outro lado Weckowick preconiza a existência, na fase aguda, de uma hiperactividade parasimpática que se desloca para uma hiperactividade simpática na fase crónica. Esta hiperactividade simpática dificultaria a recepção dos *inputs* sensoriais e segundo Callaway e Thompson (1953), iria restrigir a atenção.

Várias são as posições sobre este assunto, contudo há um pouto de acordo: Na esquizofrenia existe uma limitação da atenção que advem de uma disfunção do *input*.

A partir da revisão que fizemos dos estudos referentes à atenção na esquizofrenia, concluimos serem os resultados da literatura extremamente contraditórios, principalmente no que se refere à existência de um déficit no *input* de informação. Por exemplo a teoria de Mednick (1958) preconiza que o déficit dos *inputs* na esquizofrenia, seria resultado na fase aguda, de uma hiperactividade e consequente hipergeneralização de estímulos e na fase crónica por uma perda da emocionalidade e um afastamento do meio. Esta teoria pode ser contrastada com a de Broadbent (1958) que preconiza que o déficit do *input* tem lugar num momento inicial do processamento de informação.

No sentido de contribuir para um esclarecimento deste problema, desenhamos uma situação experimental na qual ao processamento de informação seria estudado nestes dois níveis — central e periférico — em correlação com as medidas de alerta cortical.

Fizemos variar dois tipos de factores — a presença de actividade delirante e de perturbações emocionais — evidenciados no exame clínico e nas escalas de avaliação.

A finalidade do nosso trabalho é testar as seguintes hipóteses como sendo relevantes, na sua contribuição para o déficit de rendimento cognitivo na esquizofrenia.

Colocamos como estando relacionadas com o déficit de atenção na esquizofrenia as seguintes hipóteses:

1.ª — Existência de um déficit no *input* de informação.
2.ª — Existência de um déficit no processamento central de informação.
3.ª — Existência de uma modificação no estado de alerta cortical.

Neste estudo utilizamos três grupos:

— Um grupo de trinta sujeitos com o diagnóstico de esquizofrenia paranóide.
— Um grupo de controle de quinze sujeitos com distúrbios distímicos.
— Um grupo de controle de trinta sujeitos voluntários normais.

Com o objectivo de analisar a influência da actividade delirante nos padrões de atenção na esquizofrenia, dividimos o grupo de doentes esquizofrénicos em dois subgrupos:

— Um subgrupo de quinze sujeitos esquizofrénicos paranóides produtivos, i. e., que no momento da observação apresentavam actividade delirante.
— Um subgrupo de quinze sujeitos esquizofrénicos paranóides não produtivos, i.e., que não apresentavam actividade delirante no momento da observação.

Para avaliarmos os sujeitos esquizofrénicos paranóides utilizamos o Presant Stata Examination — P. S. E. — (9.° ed. tradução portuguesa).

Na avaliação dos sujeitos com distúrbios distímicos utilizamos a Escala de Depressão de Beck e a história clínica.

O critério de inclusão dos sujeitos esquizofrénicos nos subgrupos foi o seguinte:

— Sujeitos com cotação 2 (dois) em qualquer dos sintomas relacionados com actividade delirante e sem crítica à doença foram incluídos no subgrupo de esquizofrénicos paranóides produtivos.
— Sujeitos com cotação 0 (zero) ou 1 (um) nesses sintomas e que faziam crítica à doença, foram incluídos no subgrupo de esquizofrénicos paranóides não produtivos.

O critério de inclusão de sujeitos com distúrbios distímicos foi o obterem na Escala de Depressão de Beck, um resultado total de pelo menos 15 (quinze) pontos.

Para testarmos as nossas hipóteses utilizamos:

— Teste de Stroop
— Frequência Crítica de Fusão
— Tempos de Reacção.

Como teste de Controle utilizamos a Memória de Digitos.

Explicaremos agora a razão da escolha destas provas:

Teste de Stroop — Este teste concebido por Stroop (1935), permite medir de uma forma exacta e eficaz as diferenças individuais ocorridas nas realizações simples. É um instrumento valioso na medição da atenção, já que coloca o sujeito numa situação de discriminação de estímulos, cujo tempo de realização é tanto melhor, quanto mais adequados os mecanismos de atenção intervenientes.

Neste trabalho aplicamos uma das versões deste teste, em que utilizamos dois cartões. O primeiro cartão é constituído por grupo de cruzes de quatro cores — vermelho, preto, verde, azul —. O segundo cartão é formado pelos nomes das cores utilizadas. As cores podem estar escritas com tinta de cor diferente daquela a que se refere: por exemplo a palavra «vermelho» escrita com tinta verde. Tanto a escolha da disposição das palavras quanto a cor a que foram escritas foi aleatória.

Cada grupo do primeiro cartão, tinha um número de cruzes idêntico ao número de letras da palavra correspondente do segundo cartão e a mesma cor com que esta era escrita: por exemplo se no segundo cartão estava a palavra «azul» escrita a tinta vermelha, estaria no primeiro cartão no local correspondente um grupo de quatro cruzes vermelhas.

Cada cartão continha, cem palavras ou grupos de cruzes, dispostos em dez linhas verticais e dez linhas horizontais.

O teste foi aplicado da seguinte forma:

1.° — Apresentava-se o primeiro cartão ao sujeito e pedia-se que dissesse a cor dos diferentes grupos de cruzes, lendo na horizontal, da esquerda para a direita.

2.º — Apresentava-se o segundo cartão dizendo ao sujeito que deveria dizer as cores a que as palavras estavam escritas, na mesma ordem que no primeiro cartão.

Registava-se os tempos de ambas as leituras, sendo o resultado final obtido através da diferença entre o tempo realizado na leitura do segundo cartão e o tempo de leitura do primeiro cartão. Este resultado é o que melhor permite observar o factor interferência no teste de Stroop.

Frequência Crítica de Fusão — Esta prova foi utilizada por permitir avaliar qual a interferência da modificação do estado de alerta cortical, nos padrões de atenção.

Tempos de Reacção — A medida dos tempos de reacção permite-nos avaliar o tempo dispendido para reconhecer o estímulo (Display 1) e para responder ao estímulo (Display 2). Através deste teste podemos avaliar o déficit do *input* de informação.

Memória de Digitos — Este teste permite-nos controlar a existência de alterações da memória imediata e consequentemente a relação entre o déficit de memória imediata e as alterações dos padrões de atenção. Este teste permite-nos também avaliar o déficit no *input* de informação.

Para o tratamento estatístico dos resultados utilizamos o teste não paramétrico de Mahn-Witney e a Análise de Variância (ANOVA).

RESULTADOS

Vamos seguidamente analisar os resultados obtidos pelos diferentes grupos nos testes aplicados. Para esta análise optamos por comparar os grupos dois a dois.

No teste de Stroop

— Os sujeitos esquizofrénicos paranóides produtivos apresentam uma dificuldade significativamente maior que os sujeitos voluntários normais, em seleccionar e eliminar estímulos, que contêm informação contraditória — por exemplo, palavra verde escrita a tinta vermelha —, não discriminando a informação visual perceptiva da informação verbal do significado. Esta discriminação dar-se-ia em estádios não periféricos do processamento de informação.

— Os esquizofrénicos paranóides não produtivos, comparados com os sujeitos voluntários normais, apresentam um maior deficit no processamento central de informação.

— Não se observam diferenças significativas, comparando os esquizofrénicos paranóides produtivos com os não produtivos, ainda que estes apresentem melhores realizações.

— Na comparação entre esquizofrénicos paranóides produtivos e sujeitos com distúrbios distímicos, a diferença não é significativa, sendo o nível de realização sensivelmente igual.

— Comparando esquizofrénicos paranóides não produtivos com os sujeitos com distúrbios distímicos, as diferenças observadas também não são significativas. Contudo o nível de realização dos esquizofrénicos é superior.

— Na comparação entre esquizofrénicos paranóides deprimidos e esquizofrénicos paranóides não deprimidos, a diferença não é significativa. O nível de realizações também não é diferente.

— Entre os esquizofrénicos paranóides deprimidos e os sujeitos com distúrbios distímicos as diferenças não são significativas, embora o nível de realização seja superior no primeiro grupo.

— Na comparação entre esquizofrénicos paranóides em geral e sujeitos com distúrbios distímicos a diferença não é signifi-

cativa. Regista-se contudo uma melhor realização por parte do grupo de esquizofrénicos.

— Comparando esquizofrénicos paranóides em geral e sujeitos voluntários normais, observa-se uma diferença significativa. Este resultado aponta para a existência de um déficit do processamento central da informação, nos esquizofrénicos paranóides.

Analisando os resultados do teste de Memória de Digitos temos que:

— Na comparação entre esquizofrénicos paranóides produtivos e sujeitos voluntários normais a diferença é significativa (Quadro 1), o que aponta para um deficit da memória imediata nos esquizofrénicos produtivos. A menor capacidade de retenção imediata que se observa nos esquizofrénicos paranóides produtivos (Quadro 2) vai ao encontro da hipótese de que neste grupo estaria associada uma alteração da memória imediata ao deficit do processamento de informação.

— Na comparação entre esquizofrénicos paranóides não produtivos e sujeitos voluntários normais a diferença não é significativa (Quadro 1). Sendo o nível de sucessos muito similar nos dois grupos (Quadro 2). Estes resultados contrariam a teoria do deficit do *input,* no que se refere aos esquizofrénicos paranóides não produtivos.

— Entre os grupos de esquizofrénicos paranóides produtivos e não produtivos, regista-se uma diferença significativa nos resultados deste teste (Quadro 1). Os esquizofrénicos produtivos apresentam um índice de sucessos inferior (Quadro 2). Estes resultados apontam para uma maior dificuldade dos esquizofrénicos paranóides produzidos na memória imediata o que estaria relacionado com alterações da concentração da atenção.

— Entre os esquizofrénicos paranóides produtivos e os sujeitos com distúrbios distímicos não se observam diferenças significativas (Quadro 1) neste teste. Contudo os esquizofrénicos paranóides produtivos apresentam um índice de sucessos mais elevado (Quadro 2). Estes resultados apontam para um déficit da memória imediata semelhante para os dois grupos.

— Comparando esquizofrénicos paranóides não produtivos com sujeitos com distúrbios distímicos, a diferença encontrada é significativa (Quadro 1), sendo o nível de sucessos do primeiro grupo bastante superior a do segundo grupo (Quadro 2). Estes resultados apontam para uma maior dificuldade da memória imediata nos sujeitos com distúrbios distímicos.

No teste de Frequência Crítica de Fusão

— Não se observam diferenças significativas entre esquizofrénicos paranóides produtivos e sujeitos voluntários normais (Quadro 1). Este resultado é contrário à hipótese de existência de uma alteração do estado de alerta no grupo de esquizofrénicos paranóides produtivos.

— Entre os esquizofrénicos paranóides não produtivos e os voluntários normais, as diferenças também não são significativas (Quadro 1).

Este resultado vem reforçar a hipótese de que as alterações do estado do alerta não são significativas nos esquizofrénicos, quer produtivos quer não produtivos. Surgem também grandes reservas quanto às hipóteses que relacionam alterações do estado do alerta com o déficit de atenção.

— Não se registam entre os esquizofrénicos paranóides produtivos e não produtivos, diferenças significativas (Quadro 1). Este resultado pode indicar que a actividade delirante não tem influência na modificação do alerta cortical.

— Entre os esquizofrénicos produtivos e os sujeitos com distúrbios distímicos as diferenças registadas não são significativas (Quadro 1).

— Na comparação entre esquizofrénicos não produtivos com sujeitos com distúrbios distímicos, a diferença é significativa (Quadro 1). Situando-se o resultado obtido pelo grupo de esquizofrénicos mais próximo do valor considerado normal, i.e., o obtido pelo grupo de controle de sujeitos voluntários normais, do que o resultado do grupo de sujeitos com distúrbios distímicos (Quadro 2). Estes resultados apontam para a existência de uma relação entre as alterações emocionais da linha depressiva e a modificação do estado de alerta.

No teste de Tempos de Reacção

— A diferença entre esquizofrénicos paranóides produtivos e sujeitos voluntários normais, é significativa tanto no tempo de resposta ao estímulo, como no tempo de reconhecimento do estímulo (Quadro 1). Em qualquer dos casos o grupo de esquizofrénicos é significativamente mais lento (Quadro 2). Estes resultados estão de acordo com a hipótese de existência de uma hiperestimulação nos esquizofrénicos produtivos. Esta hiperestimulação seria resultado da interferência de estímulos internos, relacionados com a actividade delirante, e iria estar na base de um deficit do *input* de informação e consequentemente de uma alteração das respostas aos estímulos, por parte deste grupo de esquizofrénicos.

— Entre os esquizofrénicos paranóides não produtivos e os sujeitos voluntários normais, as diferenças são significativas no tempo de resposta ao estímulo e no tempo de reconhecimento do estímulo (Quadro 1) observando-se também uma lentificação por parte do grupo de esquizofrénicos (Quadro 2). Estes resultados apontam para a existência de um corte com os estímulos exteriores, realizado pelos esquizofrénicos não produtivos em provas do tempo de reacção.

— Na comparação entre esquizofrénicos paranóides produtivos e não produtivos, não se observam diferenças significativas no tempo de resposta ao estímulo nem no tempo de reconhecimento do estímulo (Quadro 1). Contudo em qualquer dos dois casos os não produtivos obtém melhores tempos que os produtivos (Quadro 2). Estes resultados vão contra a hipótese de que a actividade delirante prejudica os padrões de atenção.

— Entre os esquizofrénicos produtivos e os sujeitos com distúrbios distímicos, as diferenças registadas não são significativas para qualquer dos tempos medidos — tempo de resposta ao estímulo e tempo de reconhecimento ao estímulo (Quadro 1). Contudo o grupo de esquizofrénicos apresenta tempos ligeiramente melhores (Quadro 2).

— Entre esquizofrénicos não produtivos e os sujeitos com distúrbios distímicos, observamos diferenças significativas nos dois tempos medidos — tempo de resposta ao estímulo e tempo de reconhecimento do estímulo (Quadro 2). Estes resultados apontam para um déficit mais acentuado, no *input* de informação, por parte dos sujeitos com distúrbios distímicos.

Concluída a síntese dos resultados, passamos a expôr os Padrões de Atenção dos grupos estudados.

Esquizofrénicos paranóides produtivos

Os sujeitos esquizofrénicos paranóides produtivos apresentam um déficit significativo no processamento central da informação, que decorre de uma grande dificuldade em discriminar e seleccionar os estímulos que contêm informação contraditória. Este déficit é observável pelos resultados obtidos no teste de Stroop.

Neste grupo é notória a influência negativa, no sentido de um retardamento na resposta aos estímulos exteriores, de uma hiperestimulação resultante dos estímulos internos ligados à actividade delirante. Esta hiperestimulação seria responsável por um

deficit no *input* de informação característico dos esquizofrénicos paranóides produtivos, como foi comprovado pelo teste de Tempos de Reacção.

O déficit que apresentam na memória imediata, estará, possivelmente relacionado com um déficit no *input* e no processamento central de informação.

Em resumo, os esquizofrénicos paranóides produtivos apresentam:

— Déficit do processamento central de informação.
— Déficit no *input* de informação que pode ser resultado de uma interferência ou hiperestimulação por estímulos não relevantes.

Esquizofrénicos paranóides não produtivos

O padrão de atenção deste grupo é semelhante ao dos esquizofrénicos paranóides produtivos, embora com déficits menos significativos. E caracterizado por:

— Déficit no processamento central de informação menos significativa.
— Déficit no *input* de informação, que pode ser resultado de um corte com os estímulos exteriores o que levaria a um retardamento no tempo de resposta ao estímulo.

O que diferencia os esquizofrénicos paranóides não produtivos dos produtivos é a ausência de alterações da memória imediata, nos primeiros, em relação a qual apresentam resultados semelhantes aos sujeitos voluntários normais. Este resultado poderá indicar que nos esquizofrénicos paranóides não produtivos o déficit do *input* de informação não se deve a uma hiperestimulação e consequente dificuldade em discernir os estímulos a responder, mas ao corte com os estímulos exteriores já referido.

Sujeitos com distúrbios distímicos

Os sujeitos deste grupo de controle apresentam as seguintes características no padrão de atenção:

— Déficit muito acentuado no processamento central de informação, com a consequente dificuldade em discriminação de estímulos.
— Déficit muito acentuado da memória imediata associada a um deficit no *input* de informação.
— Significativo retardamento, em relação aos outros grupos, nas respostas aos estímulos exteriores.

Estes déficits são significativamente superiores aos dos esquizofrénicos paranóides de qualquer subgrupo, o que nos leva a concluir o padrão de atenção que hipoteticamente seria característico dos esquizofrénicos paranóides, é, através dos resultados obtidos neste trabalho, adoptado predominantemente pelos sujeitos com distúrbios distímicos.

Pode concluir-se em relação às hipóteses colocadas que, na amostra de esquizofrénicos paranóides que estudámos, existe um déficit de atenção que não está relacionado com alterações no estado de alerta cortical. Este déficit pode ser caracterizado como resultante de alterações, pelo menos em dois estádios do processamento de informação — um estádio periférico de limitação no *input* de informação e um estádio central de impossibilidade em seleccionar os estímulos irrelevantes e a informação contraditória. É de assinalar que os esquizofrénicos paranóides, quando estão deprimidos, embora obtenham melhores resultados nos testes de memória e atenção, revelam uma significativa modificação do estado de alerta cortical — no sentido do abaixamento do alerta. Pelo contrário, os esquizofrénicos paranóides quando não estão deprimidos

têm maiores déficits no plano da atenção e da memória, mas não revelam modificações do estado de alerta — apresentam resultados próximos dos sujeitos normais.

Parece que há na esquizofrenia, na amostra que estudámos, uma relação directa entre o factor depressivo e modificações no estado de alerta. A influência deste factor não parece susceptível de ser mais analisada com os dados de que dispomos.

Outra conclusão que pode ser retirada deste trabalho é a de que os sujeitos deprimidos apresentam uns déficits cognitivos muito acentuados, que poderiam ser objecto de um estudo isolado com o controle de outras variáveis, tais como: tipo e doses de antidepressivos, nível de motivação, outras variáveis relacionadas com a eficiência intelectual, etc.

O nosso trabalho fez salientar a importância de controlar os factores motivacionais e emocionais, eventualmente com a utilização de outros instrumentos de medida, nos estudos sobre o rendimento cognitivo na esquizofrenia. Provavelmente a importância deste factores tem sido negligenciada nas tentativas de compreensão e de explicação do estado deficitário habitualmente descrito como característico da esquizofrenia, quer seja o que surge em concomitância com o surto psicótico, quer seja o que caracteriza a esquizofrenia residual — estado de defeito para a psicopatologia clínica.

QUADRO 1

Análise da variância (ANOVA) dos resultados obtidos pelos grupos nos diferentes testes

Grupos	Testes			Tempos de reacção	
	Stroop	Memória de digitos	Frequência crítica de fusão	Display 2	Display 1
EPP vs NOR	F = 10.09 **	F = 19.77 ***	F = 0.13	F = 26.17 ***	F = 16 ***
EP$\tilde{P}$ vs NOR	F = 4.72 *	F = 2.74	F = 2.51	F = 8.71 ***	F = 6.75 *
EPP vs EP$\tilde{P}$	F = 1.51	F = 4.47 *	F = 3.61	F = 3.59	F = 3.25
EPP vs D.D	F = 0.001	F = 3.78	F = 1.31	F = 0.03	F = 0.02
EP$\tilde{P}$ vs D.D	F = 1.96	F = 10.75 **	F = 9.23 **	F = 6.65 *	F = 4.54 *

* $0.01 > p > 0.05$
** $0.01 < p < 0.001$
*** $p < 0.001$

EPP — Esquizofrénicos paranóides produtivos
EP$\tilde{P}$ — Esquizofrénicos paranóides não produtivos
D.D — Sujeitos com distúrbios distímicos
NOR — Sujeitos voluntários normais

QUADRO 2

Quadro das médias obtidas pelos grupos, nos testes aplicados

Grupos	Testes			Tempos de reacção	
	Stroop	Memória de digitos	Tempo crítico de fusão	Display 2	Display 1
EPP	74.2	8.67	31.75	1.053	0.55
EPP	54.8	10.13	33.83	0.79	0.47
D.D	*74.87*	*7.33*	30.38	*1.077*	0.61
NOR	39.8	11,2	32.15	0.62	0.38

BIBLIOGRAFIA

ARIETI, S. (1975) — *Interpretation of schizophrenia.* 2.ª ed. Nova York: Basic Books inc.

AUDLEY, R. (1975) — Reaction time exchange function in choice tasks. In P. M. A. Rabbitt and S. Dornic (ed.), *Attention and performance V.* London: Academic Press, 281-295.

BROEN, W.; STORMS, L. (1977) — A theorie of response interference in schizophrenia. In B. A. Maher (ed.). *Contributions to the psychopathology of schizophrenia.* Nova York: Academic Press, 267-331.

CALEV, A. (1984) — Recall and recognition in chronic nondemented schizophrenics: use of matched tasks. Journal of Abnormal Psychology, 93, 2: 172-177.

CALLAWAY, E.; THOMPSON, S. (1953) — Sympathetica activity and perception. Psychosomatic Medicine, 15: 443-455.

CHAPMAN, L.; CHAPMAN, J. (1973) — *Disordered thought in schizophrenia.* Nova Jersey: Prentice-Hall inc.

CHOCHOLLE, R. (1969) — Les temps de réaction. In Fraisse e Piaget. *Traité de Psychologie Experimental,* Paris: PUF.

Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (1980). Washington: American Psychiatric Association, 3.ª ed.

EY, H.; BERNARD, P.; BRISSET, C. (1978) — *Tratado de Psiquiatria.* Barcelona: Masson, 8.ª ed.

FISH, F. (1962) — *Schizophrenia.* Bristol: John Wright and sons.

KLEIN, D. (1982) — Relation between current diagnostic criteria for schizophrenia and the dimension of premorbid adjustement, paranoid symptomatology, and cronocity. Journal of Abnormal Psychology, 91, 5: 319-325.

JENSEN, A.; ROHNER, W. (1966) — The Stroop Color-Words Test: A Review. Acta Psychologica, 25: 36-93.

MAHER, B. (1970) — *Principios de Psicopatologia.* Mexico: McGraw-Hill.

MEDNICK, S. (1958) — A Learning theorie approach to research in schizophrenia. Psychological Bulletin, 55: 316-327.

NEALE, J.; CROMWELL, R. (1977) — Attention and shizophrenia. In B. A. Maher (ed.), *Contributions to the Psychopathology of Schizophrenia.* Nova York: Academic Press, 99--127.

SACCUZZO, D.; BRAFF, D. — Early information processing deficit in shizophrenia. Arch. Gen. Psychiatry, 38, 181: 175-179.

SCHEIBE, K.; SHAVER, P.; CARRIER, S. (1967) — Color association values and responde interference on variants of the Stroop Teste. Acta Psychologica, 26: 286-295.

SHIFFRIN, R. (1975) — The locus and role of attention in memory systems. In P. M. A. Rabbitt and S. Dornic (ed.), *Attention and Performance.* Londres: Academic Press, 168--193.

VENABLES, P. (1977) — Input dysfunction in schizophrenia. In B. A. Maher (ed.). *Contributions to the psychopathology of shizophrenia.* Nova York: Academic Press, 1-48.

WING, J.; COOPER, J.; SARTORIUS, N. (1974) — *Measurements and classification of psychiatric symptons.* Londres: Cambridge University Press.

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Torne-se leitor da Biblioteca do ISPA

(Rua Jardim do Tabaco, n.º 44, 1100 Lisboa, Telef. 86 31 84/5/6)

Últimas publicações periódicas recebidas:

- **INTERNATIONAL J. OF SMALL GROUP RESEARCH** — Vol. 4(1), 1988
- **JORNAL DE PSICOLOGIA** — Ano 6, n.º 5, 1987
- **JOURNAL DES PSYCHOLOGUES** — N.º 56, 1988
- **JOURNAL OF CHILD LANGUAGE** — Vol. 15(1), 1988
- **JOURNAL OF INSTRUCTIONAL PSYCHOLOGY** — Vol. 14(4), 1987
- **JOURNAL OF ORGANIZATIONAL BEHAVIOR** — Vol. 9(2), 1988
- **NEUROPSYCH. DE L'ENFANCE ET DE L'ADOLESCENCE** — Ano 36(1), 1988
- **NOUVELLE REVUE DE PSYCHANALISE** — N.º 36, 1987
- **ORIENTAMENTI PEDAGOGICI** — Ano 34, n.º 6, 1987
- **ORIENTATION SCOLAIRE ET PROFESSIONNEL** — Ano 17, n.º 1, 1988
- **PSYCHIATRIE DE L'ENFANT** — Vol. 30(2), 1987
- **RELIGION Y CULTURA** — N.º 167, 1987
- **REV. IBEROAMERICANA AUTOGESTION Y ACCIÓN COMUNAL** — N.º 10-11, 1987
- **REVISTA DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACION** — N.º 133, 1988
- **REVISTA DE COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS** — N.º 4, 1986
- **REVISTA DE INFORMÁTICA** — Vol. 6(7), 1988
- **REVUE BELGE DE PSYCHOL. ET DE PEDAGOGIE** — Tome 49, n.º 199-200, 1987
- **REVUE FRANÇAISE DE PSYCHANALYSE** — Tome 51(4), 1987
- **SOCIOLOGIE DU TRAVAIL** — N.º 1, 1988
- **TRAVAIL HUMAIN** — Vol. 50, fasc. 4, 1987
- **VALUES** — Vol. 2(3), 1987

HORÁRIO: Das 9 às 21 horas